

ARTES PLASTICAS

José GERALDO VIEIRA

O grupo neoconcreto no MAM

E' obvio que o conjunto apresentado no MAM pelos neoconcretos pede, para a sua compreensão, a análise de proposições fundamentais entre obras expostas simultaneamente, porem definindo tarefas diferentes de expressão e invenção. Novas formas moveis e novos movimentos no espaço-tempo. Mas tais formas e tais movimentos possuem aquilo a que chamariamos totalidade vivencial e plastica, uma vez o olhar os colhendo ou os apreendendo integralmente. Há fenomenos de reversibilidade continua e instantanea, principalmente nas peças de Ligia Clark e Amilcar de Castro. Confunde-nos, às vezes, o efeito magico de transmutação dos volumes e planos, ficando nós sem saber como definir os objetos: pintura? escultura? E' por isso que o termo «não-objeto» (apesar da confusão lexica e semantica decorrente da negativa «não») deve ser interpretado como algo não estatico ou já existente, como algo ou coisa criada pela primeira vez, muito embora sugira infinidades de analogias. Essa modulação de metamorfoses e evoluções no tempo-espaço parece caracterizar o lado revolucionario e, ao mesmo tempo, criador do movimento. Outra inovação é quanto aos conceitos «plano» e «cor». Pode-se verificar isso nos trabalhos de Amilcar e Oiticica.

Chega-se, assim, do negativismo aprioristico à afirmativa ulterior, pois já nos trabalhos de Willys de Castro, por exemplo, ao invés do «não-objeto» da problematica das superficies e dos espaços se esgueira o «objeto-ativo».

No que diz respeito à obra poetica que complementa a exposição, esses poemas podem parecer blagues em sua apresentação. O visitante julgará haver-se com variantes de encadernação e de engavetamento de palavras caso ele, visitante, ignorar por completo a poesia concreta. Eis um problema de critica literaria e não plastica.

Diante da exposição neoconcreta, nos lembramos, como movimento de revelações e surpresas, de outros movimentos já desde muito incorporados à historia da arte. Temperamentos fundamentalmente revolucionarios surgem sempre quando há engarramentos no transito artistico. Adotam sistemas de «make-up». O que essa geração de São Paulo e do Rio está fazendo, já em pauta nacional, decorre duma dialetica travada entre o concretismo geometrico e o tachismo difuso. Trata-se de gente cujas tarefas polemicas e criadoras nos fazem pensar em Duchamp, Ernst e Schwitters.